

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
LETRAS**

CAMILLE BARBASSA MONTEIRO

**O GROTESCO COMO ELEMENTO CATALISADOR DO PAPEL E DA
REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO ESTADO OPRESSOR NA OBRA *O CONTO
DA AIA*, DE MARGARET ATWOOD**

Ribeirão Preto

2023

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
LETRAS**

CAMILLE BARBASSA MONTEIRO

**O GROTESCO COMO ELEMENTO CATALISADOR DO PAPEL E DA
REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO ESTADO OPRESSOR NA OBRA *O CONTO
DA AIA*, DE MARGARET ATWOOD**

Trabalho de conclusão de curso de Letras do
Centro Universitário Barão de Mauá, para a
obtenção do certificado de licenciatura.

Orientador: Ma. Elaine Christina Mota

**Ribeirão Preto
2023**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

M775g

Monteiro, Camille Barbassa

O grotesco como elemento catalisador do papel e da representação da mulher no estado opressor na obra O conto da aia, de Margaret Attwood /Camille Barbassa Monteiro - Ribeirão Preto, 2023.

49p.

Trabalho de conclusão do curso de Letras - Licenciatura Plena do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Elaine Christina Mota

1. Distopia 2. O conto da aia 3. Grotresco I. Mota, Elaine Christina II. Título

CDU 821.111(71)-31.09

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes [CRB⁸9878](#)

CAMILLE BARBASSA MONTEIRO

**O GROTESCO COMO ELEMENTO CATALISADOR DO PAPEL E DA
REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO ESTADO OPRESSOR NA OBRA *O CONTO
DA AIA*, DE MARGARET ATWOOD**

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Ma. Elaine Christina Mota
Centro Universitário – Ribeirão Preto

Examinador 2
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Examinador 3
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2023

Dedico este trabalho à minha família que em todos os momentos não deixou de me apoiar, principalmente aos meus pais que mesmo em meio a dias chuvosos se dispuseram a me levar à faculdade. Agradeço também aos meus amigos por trazerem conforto e diversão em dias que o mundo provava ser muito difícil. Obrigada por tudo.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer à minha incrível orientadora, Ma. Elaine Christina Mota, que não só me trouxe apoio durante todo o período do curso, mas com quem também pude compartilhar ideias, sonhos e desalentos, esse trabalho não seria tão especial quanto é se não fosse feito com sua orientação.

Agradeço também a todos os outros professores e ao coordenador do curso, todos foram muito especiais para minha formação. Com eles não só aprendi questões acadêmicas, mas também a ser mais humana e a respeitar a mim mesma e aos meus alunos por meio de suas ministrações.

Por fim, novamente, lembro o fator essencial que foi ter minha família e amigos para chegar até aqui, meu coração guarda todos os momentos de suporte, conselhos e alegrias com muito carinho, muito obrigada.

“O que dá verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto”.

(José Saramago)

RESUMO

Este trabalho analisa a influência dos elementos grotescos na obra distópica *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, destacando a representação das mulheres e as táticas de opressão no contexto do regime teocrático. O estudo busca mostrar como o grotesco é fundamental para provocar o estranhamento no leitor e incentivar a reflexão sobre questões sociais e políticas na realidade em que o leitor vive. Utilizando referências de autores como Raquel Paiva, Muniz Sodré, Victor Hugo e Wolfgang Kayser, para a análise do grotesco, a pesquisa visa a destacar a importância do grotesco como crítica das questões sociopolíticas. O objetivo é que os leitores reconheçam o grotesco nas situações cotidianas e literárias, percebendo-o como um sinal de necessidade de mudança ou aceitação na sociedade, especialmente relacionado a condições sociopolíticas extremas impostas às personagens.

Palavras-chave: Margaret Atwood; *O Conto da Aia*; grotesco; distopia; opressão.

ABSTRACT

*This paper analyzes the influence of grotesque elements in the dystopian novel *The Handmaid's Tale*, by Margaret Atwood, focusing on the representation of women and the tactics of oppression within the context of the theocratic regime. The study aims to demonstrate how the grotesque is crucial in unsettling the reader and encouraging reflection on social and political issues in reality where the reader lives. Drawing upon references from authors such as Raquel Paiva, Muniz Sodré, Victor Hugo, and Wolfgang Kayser for the analysis of the grotesque, the research seeks to emphasize the significance of the grotesque as criticism of sociopolitical issues. The goal is for readers to recognize the grotesque in both everyday and literary situations, perceiving it as a sign of the need for change or acceptance in society, particularly concerning extreme socio-political conditions imposed on the characters.*

*Keywords: Margaret Atwood; *The Handmaid's Tale*; grotesque; dystopia; oppression.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O PODER DA LITERATURA: O GROTESCO E A DISTOPIA NA CRÍTICA SOCIAL	14
2.1 A crítica feita pelo grotesco	15
2.2 A utopia na distopia	21
3 A OBRA	25
3.1 Enredo	25
3.2 A Sociedade de Gilead	30
3.3 O Grotesco da Hipocrisia	34
3.4 Os aparatos grotescos do Estado	38
4 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER	43
3.1 Da angústia à fuga da realidade.	44
3.1.2 A liberdade nos detalhes	46
3.2 Relações corrompidas	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar da obra distópica *O Conto da Aia* por meio da perspectiva grotesca, em relação à representação do papel da mulher no regime totalitário enfrentado na história, considerando que, nela, a renomada autora Margaret Atwood empreende uma missão literária ousada e incisiva, denunciando e criticando de maneira contundente governos autoritários e práticas culturais que subjagam a liberdade das mulheres.

Para a construção desta crítica, Atwood trouxe à sua obra distópica diversos fatores reais que enfrentou e observou nos períodos entre Guerras e de Guerra Fria no mundo, o que a fez afirmar o seguinte: "Digamos apenas que a história se inverteu um pouco. Não há nada neste livro que já não tenha acontecido ou que não esteja acontecendo em outro lugar [...]" (*WORTH QUOTING*, 1986). Essa proposição traz à tona o compromisso da autora com a composição de uma crítica verossímil e se expõe principalmente em relação à "inversão" da história, visto que, desde Platão foram criados planos para sociedades utópicas que, na modernidade, resultaram em fracasso como o Stalinismo na Rússia e o Nazismo na Alemanha, e por isso a inversão (*WORTH QUOTING*, 1986): pela necessidade da explanação de como a sociedade poderia sucumbir ainda mais se fossem levados em conta as tendências de sua época, embora ainda atuais.

Por esta razão, Atwood alega que Gilead não é sua visão de futuro, mas "[...] o resultado lógico de certas afirmações que são divulgadas de forma bastante leviana atualmente, sem que as pessoas pensem nas implicações." (*WORTH QUOTING*, 1986), se referindo a informações utilizadas pela comunidade cristã caucasiana da época, em busca de um governo do mesmo modelo de sua história, e que, pelo mesmo motivo, algumas pessoas não consideravam um cenário totalmente irreal, adquirindo a obra.

Em relação à narrativa em si, para que fosse criado um contraste grotesco entre as diferentes realidades da personagem no presente e no passado, a autora contraria as convenções da ordem cronológica linear, trazendo memórias e ideias passadas em momentos específicos do presente. Nesse sentido, esse artifício serve como alicerce para a construção de uma crítica aguda aos costumes e às atitudes similares da sociedade real, fazendo com que o leitor perceba nas sutilezas de um regime já normalizado na história, a incongruência entre o ideal bom do governo e a

realidade cruel em que vive a sua sociedade, estabelecendo uma relação com a realidade e suas tendências autoritárias, que devem ser inaceitáveis.

Com isso, por meio da observação atenta da trama, os leitores são confrontados com a metamorfose de uma sociedade, revelando como os homens, embora tenham estabelecido um ideal aparentemente "matriarcal" - pois as Aias são consideradas salvadoras da sociedade por ainda conseguirem se reproduzir em um meio quase totalmente estéril - usam essa fachada como uma máscara para manterem seu poder opressor sobre as mulheres, criando regras cruéis e governando da forma que querem, sem ao mesmo seguirem seus próprios mandamentos, enquanto as mulheres "salvadoras" devem aceitar seus destinos em silêncio, vivendo reféns da morte.

Nesse contexto, o uso do grotesco na narrativa de Atwood desempenha um papel crucial: causar choque e estranhamento para que o efeito instigue uma reflexão crítica de suas características "expondo os mecanismos do poder abusivo" (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 65), o que faz com que os atos violentos e autoritários retratados na obra sejam apresentados de forma que evitam ser normalizados, revelando as nuances de uma violência muitas vezes simbólica e sutil, mas igualmente impactante. O grotesco atua como uma ferramenta poderosa para desafiar a complacência e despertar a consciência do leitor diante das injustiças representadas.

É também digno de nota que a questão da sociedade descrita na obra parece notavelmente homogênea, uma vez que não menciona a presença de pessoas de origem racial diversa. Essa omissão deliberada leva a considerar o regime da história como não apenas autoritário e misógino, mas também eugenista e racista, fato que Margaret Atwood explica também ser um fator decorrente da época - especialmente ao considerar os regimes totalitários - e que faz com que um modelo "poligâmico", em uma sociedade extremamente conservadora e monogâmica, seja aceito:

A razão pela qual eles têm poligamia, sobretudo uma poligamia legalizada - é como disse, não têm divórcio e são legalmente monogâmicos - É porque a taxa de natalidade despencou. A taxa de natalidade caucasiana. Que é o que está acontecendo agora. (WORTH QUOTING, 1986)

Ou seja, a ausência de qualquer referência a pessoas negras ou pardas na sociedade retratada implica uma visão de mundo que busca homogeneizar a

população, criticando também as consequências sombrias da intolerância étnica e racial.

Por fim, Margaret ainda expõe sua dedicação ao trazer na obra um repertório conciso e necessário para a comunidade feminina: "Pode parecer que foi apenas um ano, mas a resposta real é quatro mil anos, porque essa é a quantidade de história das mulheres em que eu estava me baseando" (AUTHOR, 2018). Além disso, em suas entrevistas, Atwood retoma questões que as mulheres enfrentam tanto em suas vidas pessoais quanto profissionais, como a pressão que a sociedade coloca nelas em ter que escolher ser alguém de sucesso, ser mulher ou mãe (AUTHOR, 2018), mas também falas comuns da sociedade patriarcal de que "O lugar da mulher é em casa" (WORTH QUOTING, 1986), assunto que gerou em si a reflexão acerca do processo da tomada de direitos da mulher na obra e que causou uma revelação cruel: "O passado das mulheres no livro é nosso presente" (WORTH QUOTING, 1986).

Portanto, neste trabalho de conclusão de curso, serão explorados esses elementos intrincados em *O Conto da Aia*, desvendando as camadas profundas de crítica social e política que Atwood teceu com maestria. Através dessa análise, busca-se lançar luz à visão que o grotesco e a distopia pretendem denunciar, desafiando o leitor a refletir sobre a realidade que a obra retrata e as sombras que projeta, provocando um questionamento crítico fundamental sobre sua própria sociedade.

Por conseguinte, o primeiro capítulo apresenta uma análise das teorias do grotesco e distopia em relação à obra "O Conto da Aia". No segundo capítulo, intitulado "A Obra", são abordados o enredo, uma breve análise da sociedade de Gilead, a hipocrisia grotesca do Comandante e os métodos de opressão empregados pelo Estado de Gilead. No terceiro capítulo se concentra na análise da representação das mulheres na obra, incluindo os subcapítulos como "da angústia à fuga da realidade", "a liberdade nos detalhes" e "relações corrompidas entre as mulheres da obra". E por fim, as Considerações Finais contém breves impressões e uma síntese da necessidade de ler e analisar esta obra trazendo questões reais.

2 O PODER DA LITERATURA: O GROTESCO E A DISTOPIA NA CRÍTICA SOCIAL

Neste capítulo, serão abordadas as teorias que desempenham um papel fundamental na análise da obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, a fim de compreender a crítica sociopolítica tecida pela autora. Para compreender plenamente os elementos intrigantes e perturbadores presentes nesta narrativa distópica, é imperativo explorar duas áreas de estudo particularmente relevantes: as teorias relacionadas ao grotesco na literatura e a distinção entre distopia e utopia. Esses conceitos teóricos fornecerão o arcabouço necessário para uma compreensão mais profunda dos temas e da construção narrativa da obra, assim como a importância desta para a sociedade.

A primeira vertente teórica explorada é a do grotesco na literatura, que é um conceito literário que envolve a representação de elementos distorcidos, estranhos e perturbadores. Margaret Atwood utiliza amplamente essa categoria estética para criar uma atmosfera que choca e provoca reflexões em seus leitores. Portanto, conhecer e examinar as teorias do grotesco na literatura nos permitirá analisar como Atwood usa a distorção e o chocante para construir sua crítica por meio do retrato do mundo sombrio e opressivo de *O Conto da Aia*.

A segunda área de estudo apresentada é a distinção entre distopia e utopia, com o propósito de explicitar que embora esses termos pareçam opostos, eles se entrelaçam de maneira complexa nesta literatura distópica principalmente por esta conter uma relação direta com a religiosidade e o divino em um mesmo espaço que é opressivo e abusivo. Neste sentido, a análise se concentra em como o livro desafia as fronteiras tradicionais entre esses gêneros, apresentando o que seria o sucesso de uma sociedade utópica, mas que, ao ser escavada, revela uma distopia assustadora. Compreender essa dualidade é fundamental para decifrar as camadas de significado na obra.

Com o aprofundamento nessas teorias, será possível interpretar os elementos marcantes e simbólicos presentes em *O Conto da Aia*, pois estas ajudarão a contextualizar a narrativa, a compreender as críticas sociais que Atwood tece e, em última análise, a apreciar a riqueza da obra em sua totalidade.

2.1 A crítica feita pelo grotesco

Desta forma, a fim de que a construção da análise da obra *O Conto da Aia*, e das representações nela encontradas, sejam efetivadas a partir da investigação do uso dos elementos grotescos, é preciso evidenciar inicialmente o que é grotesco e quais formas ele pode tomar no livro e na realidade ao se tratar da representação feminina e dos meios de opressão do Estado. Para chegar à conclusão de qual é a influência do grotesco na obra, deve-se considerar como a ideia do grotesco surgiu.

É preciso esclarecer que se parte do ponto de que há grande dificuldade em conceitualizar o que é grotesco, pois, no desenvolvimento de sua caracterização, houve diversas considerações acerca do assunto. Inicialmente, como traz Wolfgang Kayser (1957), o grotesco veio do italiano, em expressões como "*La grottesca e grottesco*, como derivações de *grotta* (gruta)" para se referir a uma forma de ornamentação do fim do século XV, que traziam detalhes da natureza - como galhos e flores. Deles, saíam animais e seres humanos, e eram caracterizadas como lúdicas, alegres e fantasiosas, como as de Rafael nas pilastras do Palácio do Vaticano, e algumas das gravuras de Agostino Veneziano.

Doravante, com o aparecimento do grotesco e outras áreas da arte plástica, houve uma mudança nessas ornamentações, que passaram a ser designadas de "*sogni dei pittori*" - sonhos de pintores - pois passaram a misturar diferentes criaturas, como humanos e animais, e até passaram a criar monstros como resultado disso. Logo, o vocábulo passou a se referir a coisas e seres sinistros, fantásticos ou destoantes do que já era conhecido, para lembrar aquilo que causa desconforto a quem os vê.

Entretanto, com a disseminação do grotesco para outros domínios artísticos, como a literatura e o teatro, atribuiu-se também ao conceito as ideias de extravagância e comicidade, mas somente se relacionadas ao que é disforme, monstruoso e/ou assustador, o que mesmo com essas adições, retoma o incômodo sobre o que contrapõe o modelo natural e comum da realidade, que, por meio dessas representações, traduzirá uma ideia, de forma a concluir que:

Sempre associada ao disforme (conexões imperfeitas) e ao onírico (conexões irreais), a palavra "grotesco" presta-se a transformações metafóricas, que vão ampliando seus sentidos ao longo dos séculos. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 30)

Assim, na história da literatura, leva-se em conta que a comicidade foi uma adição muito tempestuosa, de forma que causou uma revolução que pôde ter até sido associada, por Victor Hugo, "ao abalo de um terremoto" (HUGO, 2002, p. 27). Isso

porque, na Antiguidade, havia somente uma forma de compreensão da natureza: a natureza como ela é. A partir da junção da comicidade, iniciou-se um novo movimento na literatura, mais especificamente na poesia, que já existia de forma estética na pintura: o grotesco.

Como explicitado anteriormente, o grotesco propôs um aprofundamento de pensamento acerca da filosofia da sociedade, que mudava devido ao estabelecimento do cristianismo, com suas intersecções - corpo, alma e espírito - e o distanciamento do que é Deus e do que é Humano. Isso ocorria porque, nas antigas mitologias, os deuses eram capazes de serem enfrentados por humanos e possuíam características muito próximas da conduta humana. Deve-se isso também às guerras e às emoções modernas que o estabelecimento da sociedade cristã causou, como a melancolia, que tomou forma na situação:

Fazia-se tanto ruído na terra que era impossível que alguma coisa deste tumulto não chegasse ao coração dos povos. [...] O homem, concentrando-se em si mesmo em presença dessas profundas vicissitudes, começou a sentir dó da humanidade, [...]. Deste sentimento, [...], o cristianismo fez a melancolia. (HUGO, 2002, p. 24-25)

Neste quesito, a análise e reconhecimento desta situação em geral, torna-se essencial para compreender que o grotesco surge no que tange ao repensar e ao reconstruir da sociedade da época, que estava cercada de dúvidas e controvérsias, já que tudo estava abalado pelas constantes guerras e mudanças morais e religiosas.

A partir disso, a população passa a pensar sobre duas das grandes dualidades da vida: o belo e o feio, o bom e o mau. Na construção dessas concepções, é passado a analisar que o belo não necessariamente está relacionado às características boas das coisas, mas é elevado a um patamar de que não se tem uma ideia clara do que este é e como ele pode ser identificado. Assim:

O feio (tradicionalmente identificado ao "mau", assim como o belo era tido como "bom"), por sua vez, não é um simples contrário do belo, porque também se constitui em um objeto ao qual se atribui uma qualidade estética positiva. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 18)

Essas visões sobre esses conceitos e suas formas de identificação mudaram porque se fragmentaram os sentidos morais da sociedade europeia, e, portanto, as situações feias e ruins, se tornaram algo comum e dignas de serem refletidas, absorvidas e criticadas.

Com isso, a literatura, para ser considerada de boa qualidade e bela, não necessariamente precisava retratar uma situação boa, visto que: “[...] se retirarmos do belo um traço positivo que o constitui como tal [...], não produzimos automaticamente o feio.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 18). Isso, serve para mostrar que já não fazia mais sentido trazer somente o que era belo, por que este já fora alimentado suficientemente nas odes e nas epopeias, que refletiam a ingenuidade e a eternidade, e a solenização da história e a simplicidade, respectivamente, para que, finalmente, a poesia pudesse trazer a verdade, a realidade da vida e das relações humanas.

Portanto, o belo não era mais o único objetivo a ser atingido nas produções poéticas, pois passaram a considerar também outras formas de tocar o leitor e gerar uma reflexão acerca da realidade da sociedade. Entretanto, para chegar a esse resultado, prevaleceu um grande dilema sobre o que poderia garantir o ideal supremo de tudo que é bom e o que seria a oposição disso, e como maneira de ponderar sobre esse assunto, Victor Hugo produziu tal consideração: “Sentirá que tudo na criação não é humanamente *belo*, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz.” (HUGO, 2002, p. 26).

A partir dessa consideração, baseada no conhecimento literário da época, Hugo sugeriu que o contrário do sublime não era necessariamente o feio ou o mau, haja vista que o sublime abarca diversas características, e não só o belo e a bondade; mas que seu contrário seria o grotesco, que abrange todos os tributos anteriormente anexados ao seu conceito: o incômodo, o disforme, o monstruoso e a comicidade. Como resultado, dessas considerações, afirma Hugo: “[...] a poesia dará um grande passo, [...]. Ela se porá a fazer como a natureza, a misturar nas suas criações, a sombra com a luz, o grotesco com o sublime, em outros termos, o corpo com a alma [...]” (HUGO, 2002, p. 26 - 27).

Desta maneira, pode-se reconhecer que o grotesco tem uma natureza dualista, visto que existe a situação em que “um objeto pode causar repulsa ou estranhamento do gosto e não ser necessariamente feio” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 18). Portanto, ao levar em consideração essa natureza, leva-se o conceito de que “o grotesco é uma forma essencialmente paradoxal, pois é constituída pelo agrupamento ou contraposição de elementos opostos e, portanto, inconciliáveis” (VOLOBUEF,

2003, p. 2), de modo que é justamente esse choque desses ideais culturais de belo e feio que causará a sensação desgostosa que se dá ao visualizar/ler obras grotescas.

Todas essas considerações foram explicitadas, pois na obra *O Conto da Aia*, encontram-se muitas dessas influências do surgimento do grotesco representados nela. Dois grandes exemplos disso são o Estado teocrático, que, após um grande abalo mundial, se consolidou dessa forma para que o país fosse capaz de ser reconstruído, assim como ocorre na história do grotesco. No entanto, isso não só ocorre nesse quesito, mas aparece profundamente na construção desse Estado autoritário da obra, em que há uma estrutura hierárquica entre gêneros e que nada pode sair do controle masculino, pois todas as atitudes que forem contra os seus ideais significam que quem as tomou deve ser morto. Isso ocorre de forma peculiarmente grotesca, de forma abusiva e torturante, porque as mulheres devem servir os homens de uma maneira muito rígida, violentadas não só por eles, mas também pelo sistema que as rodeia e que protege as atitudes que deveriam ser consideradas hereges pelos homens da obra.

Ademais, tem-se na obra uma enorme exploração da dualidade do sublime e do grotesco, pois se confere que todos da sociedade de Gilead devem se comportar como exemplos da perfeição cristã, o que sugere que levam a Bíblia Sagrada à risca, enquanto, na realidade, a deturpam, a fim de conseguir a submissão da população e incitar o medo da punição que ocorrerá caso desobedeçam às ordens “sagradas”, criando um estado de hipocrisia.

Além da hipocrisia, também há uma demonstração de poder por se tratar de uma sociedade extremista, em que a elite masculina pode fazer tudo o que quiser, e portanto, usam como justificativa a Bíblia para objetificar as mulheres e usá-las da forma que lhes for necessário, coordenando o país da maneira que lhes for melhor, para que nada os contrarie ou prejudique. Assim, o sublime é cobrado e imposto de forma violenta às mulheres na obra, garantindo aos homens todas as qualidades do grotesco.

No entanto, o grotesco adquire seu valor indispensável na obra devido ao seu viés crítico e chocante, que firma a condição de distopia grotesca na obra, pois é a partir deles em que é construída a crítica tecida por Margaret Atwood entre as situações vividas e lembradas por Offred na narrativa. Nesse sentido, considera-se que a possibilidade de que, um dia, a sociedade retratada na história possa existir é o

que implica a manifestação crítica nela, visto que a história foi escrita a partir de condições reais reunidas pela autora.

Dessarte, no processo de constituição do conceito de grotesco, foi observado que em um movimento o grotesco passou a ser um “adjetivo a serviço do gosto generalizado, capaz de qualificar - a partir da tensão entre o centro e a margem ou a partir de um equilíbrio precário de formas - figuras da vida social como discursos, roupas e comportamentos” (SODRÉ; PAIVA, 2022, p.28). Isso indica o início do uso do grotesco, antigamente por meio da caricatura e do monstruoso, para a construção de uma crítica que se utiliza da estética de uma produção - nesse caso da literatura - para através da ambiência afetiva do leitor, gerar em seu processo de julgamento ou apreciação uma reflexão analítica do objeto.

Para isso, Margaret Atwood utilizou-se do valor estético do grotesco na literatura - o equilíbrio entre realidade e a ficção -, para, por meio da representação de uma realidade extremamente abusiva, expor as mazelas reais que podem causá-la. As categorias grotescas usadas para a composição dessa idealização são a espécie chocante - o grotesco que gera a choque ou repugnância por meio de circunstâncias sensacionalistas - e a crítica - o grotesco que propicia uma percepção individual e crítica acerca de um determinado contexto e que possui como característica o “desvelamento público e reeducativo [...] para desmascarar convenções e ideais” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 64 - 65).

Esses elementos chocantes e críticos são mostrados continuamente na obra, especialmente quando se trata do ideal comportamental das mulheres no regime e na dominação hegemônica e ditatorial de Gilead, a fim de que, por meio desses elementos disruptivos que geram desconforto, o leitor reconheça e reflita que, por mais sutil que seja a violência em alguns momentos da obra, há crueldade e desejo por poder intrínsecos no governo daquela sociedade.

Portanto, considera-se que “em sua modalidade crítica, o grotesco não se define como um simples objeto de contemplação estética, mas como experiência criativa comprometida com um tipo especial de reflexão sobre a vida. [...]” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 67). Para que essa crítica seja reconhecida na obra, é preciso que o leitor reconheça não só os elementos indicadores, mas a estrutura do contexto de sua história, para que não seja enganado com a sutilidade construída nela, visto que:

A reflexão acontece no desvelamento das estruturas por um olhar plástico que penetra até as dimensões escondidas, secretas, das coisas, inquietando

e fazendo pensar. Lúcida, cruel e risível - aqui estão os elementos da chave para o entendimento da crítica exercida pelo grotesco. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 68)

Dessa forma, a proximidade com o grotesco se torna imprescindível para compreender a tessitura da crítica da violência governamental contra as mulheres contida na obra.

2.2 A utopia na distopia

Assim como o grotesco, a distopia tem um papel importante na análise da obra e na prática de reconhecimento dos elementos grotescos nas representações, visto que o grotesco será uma ferramenta para traduzir a distopia e suas características extremas. A partir deste ponto, é necessário diferenciar a utopia da distopia para que o universo da obra, criado para criticar a realidade em seu formato extremo, faça sentido, pois a obra se utiliza de elementos utópicos para lembrar que, por mais que tenham uma ordem social, o caos é o que prevalecerá. Nesse viés, será considerado que a utopia pode surgir a partir de duas vertentes: “a partir de uma experiência histórica, como metáfora [...], e [...] a partir de uma ideia, de uma construção abstrata que desce do Céu para a Terra [...]” (BERRIEL, 2005, p. 1). Nos dois casos, a utopia representará o lugar (espaço e sociedade) perfeito.

No primeiro cenário, ela se construirá a partir de questões históricas, de forma que será a resolução perfeita de tudo aquilo que não se resolveu de boa maneira na realidade, se baseando nas questões “terrenas”, mas sem ditar necessariamente o rumo que a história deve tomar ou até mesmo, dizer de forma clara a que momento histórico ela se refere, assim:

A utopia não orienta por si só o curso da história: em função do contexto no qual se coloca, [...]. Todavia, nenhuma utopia carrega em si o cenário histórico para o qual contribuiu eventualmente para sua realização: nenhuma utopia prevê o seu próprio destino histórico, o próprio futuro (BACZCO, 2000, n.p).

Dessa forma, conclui-se que a utopia terá um caráter extremamente imaginário, uma vez que é tão ideal que, por mais que a influência da sua construção seja histórica, em sua história em si, não aparecerá nenhum traço da situação em que foi inspirada.

Já no segundo cenário, ela “passa a se relacionar com a promessa da vinda ou do retorno do messias e com a fundação do seu reino, seja na terra ou nos céus.” (FIGUEIREDO, 2009, p. 2) devido à influência do cristianismo. Assim, a sociedade e o lugar perfeito que ela retrata serão baseados nos ideais cristãos. Esses fatores, no entanto, só se concretizam na utopia, pois o lugar ideal não se situa em um espaço real, a se concluir que:

a utopia clássica se desenvolve construindo um hiato (insanável) entre a História real e o espaço reservado para as projeções utópicas; a descoberta de um país distante, até então ignorado [...] se tornou símbolo de uma fratura não apenas geográfica, mas, sobretudo histórica. (BERRIEL, 2005, p. 2)

Portanto, a utopia, em geral, indicará uma sociedade que deve ser superada e, como exemplo de uma suposta existência dessa possibilidade, levará o narrador à uma terra ideal, longínqua e não descoberta, em que, como a própria *Utopia*, de Thomas More, a sociedade terá uma organização muito grande, de forma que todos terão suas funções muito bem definidas e em que essa ordem não será questionada ou desafiada, a fim de que o caos não tenha espaço, o que também se relaciona ao tamanho dos livros utópicos, que são pequenos, já que não têm tantas questões a serem resolvidas.

Entretanto, entre tanta perfeição, surge algo completamente oposto, mas com os mesmos elementos. A distopia chega, trazendo contextos reais de maneira extrema, a distopia, que se “caracteriza pela antevisão de um lugar imaginário onde reinariam o caos, a desordem, a anarquia, a tirania, ao contrário do paraíso cristão ou dos mitos de felicidades eterna, cidade do sol, ‘*shangri-la*’, eldorado [...]” (MOISÉS, 2004, p. 129). Ela se trata de uma crítica clara à organização social e aos comportamentos normalizados pelo contrato social, representando o caos, a desigualdade e a tirania, muitas vezes representadas na forma de um governo totalitário - que funciona da mesma forma, tanto na literatura quanto na realidade -, pois manipula a sociedade a pensar que a forma de organização proposta por ele será a melhor. Assim, por meio da desinformação, da coerção e da manipulação da realidade, esses governos utilizam-se de censuras e proibições, exatamente como em *O Conto da Aia*.

Assim, há, como resultado, a mudança das visões de mundo, da moral e o que era considerado normal para a sociedade, de maneira que todos os costumes são

reinventados e, geralmente, apagados. É possível fazer essa comparação porque, ao contrário das utopias, as distopias trarão, muitas vezes, informações de como o mundo era antes que o regime atual fosse implantado, como revela:

A distopia busca colocar-se em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às sociedades perversas (a própria distopia). (BERRIEL, 2005, p. 2)

Portanto, [...] a narrativa distópica não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente” (HILÁRIO, 2013, p.207). Assim, a distopia irá tratar de assuntos reais em realidades imaginárias extremas, para que, por meio de sua leitura, os indivíduos possam fazer reflexões sobre as situações em que vivem, assim como as atitudes de seus governantes. Dessa forma, a partir do reconhecimento das atitudes autoritárias vistas na distopia, espera-se que a sociedade possa lutar contra um golpe de Estado e impedir com que o espaço não se torne o mesmo que o do universo lido.

Como forma de complementação dessa ideia, é necessário reconhecer o cenário em que a distopia foi concebida, que foi entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Ao considerar isso, é possível entender o caráter denunciador e crítico que tem a distopia, pois ela surgiu em meio a regimes totalitaristas, que, como afirma Hannah Arendt, em seu livro *As Origens do Totalitarismo (2000)*, são regimes políticos que surgem como uma forma de opressão política, que visam findar com os conceitos de indivíduo e individualidade, de maneira que todos sejam parte de uma massa, facilmente controlada pelo Estado. Assim, percebe-se que a distopia é uma ferramenta para a luta contra o autoritarismo.

Neste mesmo sentido, vale mencionar que existem alguns fatores que se diferenciam do autoritarismo comum em relação ao autoritarismo de *O Conto da Aia*. No autoritarismo comum, existe um poder centralizado em um líder divinizado, o que já não acontece na obra, visto que há uma hierarquia de grupos, na qual o grupo mais valorizado, em relação à governança, é o grupo dos Comandantes. Outra grande diferença, e a mais importante, é que o regime de Gilead é teocrático, ou seja, é baseado na religião, que, em contrapartida, não é um fator essencial nos regimes autoritários, de forma que a visão religiosa será o que guiará os padrões de ética e moral na obra. Igualmente, no autoritarismo, a propaganda é fundamental para a manutenção do poder, pois ela funciona por meio da violência, mas também da

propagação midiática dos valores e símbolos do governo. Já no livro, são poucos os momentos em que a propaganda midiática tem atenção, embora, na forma de violência e opressão, ela permeie toda conjuntura da história, explicitando que quem não concorda e não aja de acordo com o regime será eliminado.

Por outro ponto de vista, observa-se nestas obras o uso dos elementos utópicos, como a divisão de funções e do trabalho para sugerir que mesmo com tal nível de organização estrutural da sociedade, isso não a tornará perfeita ou feliz. Ao contrário, esse modo de estruturação privilegia somente algumas classes e essas classes se utilizam desse poder para conseguir o que querem objetificando as camadas “inferiores” e usando-as para garantir cada vez mais seu poder e sua liberdade. Por conseguinte, a distopia irá se relacionar com o grotesco, pois, juntos, revelam o caos e o disforme em relação àquilo que seria perfeito (sublime) se comparado com as utopias. Um exemplo é a divisão de trabalho, que, na distopia, trará a infelicidade e a guerra devido ao poder de ordenar tudo e todos. Finalmente, a suma influência do grotesco na distopia será explicitada na forma de perversidade: “[...] na distopia a realidade não apenas é assumida tal qual é, mas as suas práticas e tendências negativas, desenvolvidas e ampliadas, fornecem o material para a edificação da estrutura de um mundo grotesco” (BERRIEL, 2005, p. 3).

O valor do grotesco se tornará claro nas obras distópicas, porque: “O grotesco funciona por catástrofe. [...] Trata-se de uma mutação brusca, da quebra insólita de uma forma canônica, de uma deformação inesperada.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 24), que é exatamente o que ocorre quando se compara a existência do sublime e da utopia em relação ao grotesco e à distopia. Estes servirão para criticar a realidade e gerar a reflexão perante as monstruosidades presentes e realizadas na humanidade.

3 A OBRA

Neste capítulo, o universo da obra será dissecado e, nele, será possível encontrar a descrição do enredo e as análises da estrutura da sociedade de Gilead e dos meios utilizados por este regime para oprimir principalmente a população feminina. Para isso, é necessário considerar que esta sociedade se encontra em meio a um regime totalitário e teocrático, que surgiu de um golpe em um país em colapso, onde a ordem é mantida por meio de uma complexa rede de controle, opressão e ritualização.

Por conseguinte, o enredo explorará o mundo distópico de Gilead, onde mulheres são subjugadas às suas classes e aos homens. A partir disso, será analisada a estrutura dessa sociedade, que é altamente estratificada, assim como os aparatos de opressão utilizados pelo regime para manter a submissão da população. Esta análise permitirá, visando os horrores de Gilead, compreender as críticas sociais contidas na complexidade da relação entre Estado e povo presentes na obra por meio do reconhecimento dos elementos grotescos como catalisadores do teor distópico e crítico da obra.

3.1 Enredo

O Conto da Aia é uma obra distópica de ficção científica escrita por Margaret Atwood, publicada originalmente em 1985. A história conta a trajetória de Offred, que narra os eventos trágicos que vive em Gilead, um país caracterizado por um forte regime autoritário e teocrático, altamente estratificado e governado tiranamente por homens.

Neste novo regime, que foi estabelecido após um golpe de Estado extremamente violento, a narradora - uma das poucas mulheres férteis em meio à uma crise de natalidade - se torna uma Aia, uma espécie de serva reprodutora que deve se submeter a relações sexuais com os líderes do Estado - Comandantes -, para gerar filhos. Neste sentido, devido ao novo papel que foi obrigada a tomar para si, assim como tantas outras mulheres, ela perde seu nome real e passa a ser chamada de *Of*, "de" - preposição de pertencimento -, junto ao nome do Comandante ao qual irá servir. No caso, a narradora servia ao Comandante Fred, portanto, Offred significa "de Fred".

O que torna a narrativa ainda mais chocante é a maneira como a protagonista não se limita a relatar o presente, mas constantemente reflete sobre seu passado e sua vida anterior ao golpe sofrido pelos Estados Unidos, quando tinha uma família e sua amiga Moira. Essa técnica de escrita, que utiliza uma narrativa entrecortada, permite que o leitor mergulhe na mente da personagem, percebendo a confusão mental e a angústia de Offred à medida que ela compara sua liberdade anterior com sua atual condição como Aia. Isso não só cria uma conexão mais profunda com a personagem, mas também constrói de forma coerente e gradual a crítica à sociedade retratada no livro.

Ao conhecer a casa de seu novo Comandante, Fred, e sua Esposa, Serena Joy, Offred descobre a existência de uma Aia anterior a si ao encontrar uma frase escrita em seu armário: *Nolite te bastardes carborundorum*. Com o desenrolar da narrativa, Offred encontra não apenas o significado dela: "Não deixe que os bastardos te esmaguem", mas também a constatação de que ela cometeu suicídio, e que a frase estava ligada à sua morte.

Com o tempo, Offred passa a manter uma relação ilícita com o Comandante, para poder descobrir mais informações, afundando mais no mundo machista e hipócrita de Gilead. Além disso, Serena Joy, que reconhece que o marido é infértil, dá a ela a opção de se deitar com o guarda da casa, Nick, por quem Offred passa a nutrir sentimentos. Ademais, Ofglen, uma Aia que faz parte da resistência, movimento que traz esperança à Offred, a envolve na causa, mas, em seguida, comete suicídio por ter sido descoberta. Tudo isso, ao mesmo tempo que desestabiliza Offred, dá a ela a força da qual ela precisava.

Após um evento violento do governo, Offred descobre que Ofglen foi substituída por outra mulher, ficando muito apreensiva, pois ela também estava ligada ao movimento. Ao chegar em casa, Offred é recebida por Serena Joy, que revela ter descoberto o seu caso - indesejado - com o Comandante, também percebendo que será levada pelos Olhos por ter cometido algum crime. Entretanto, antes de ser levada, ela recebe uma mensagem para confiar em Nick e nos rebeldes. Dessa forma, a história termina com Offred embarcando em um destino incerto de liberdade ou morte.

3.2 A Sociedade de Gilead

Gilead é uma sociedade que vive um regime totalitário teocrático, que foi pensado e é governado por homens. O surgimento dessa sociedade não ocorreu de súbito, pois foi sendo “construído” a partir das inseguranças e crises que aconteciam na antiga sociedade moderna no país: guerras, problemas de natalidade e violências contra a mulher. No entanto, devido a esse fato e usando a premissa de proteção e mudança, junto com o ideal conservador apoiado na Bíblia, o regime de Gilead foi ganhando seguidores. Aristocratas políticos derrubaram o governo democrático e estabeleceram esse novo governo em um tempo curto, submetendo o povo a uma mudança grotesca de papéis, que impunha a violência e o silenciamento como fatores essenciais para alcançar a utopia. No entanto, observa-se que estas características indicam uma sociedade distópica, pois:

[...] formas de controle no âmbito da gênese social do indivíduo, isto é, no que se refere aos modos de dominação que incidem diretamente sobre a subjetividade com vistas a regular pensamentos e comportamentos; (HILÁRIO, 2013, p. 202)

Dessa forma, percebe-se que esse regime não é construído de forma justa e livre de dogmas como implica uma utopia (HILÁRIO, 2013, p. 205) e, além disso, contribui de forma extrema para a morte de muitos e riqueza e controle geral para poucos.

Assim, após a queda do Estado democrático, o estabelecimento do novo regime fez com que se criassem alguns grupos na sociedade, cada um com seu papel específico, de acordo com o que as pessoas fizessem de útil, já que as que eram consideradas inúteis - mulheres sem capacidade de engravidar, habilidade para cozinhar, treinar Aias, ou rebeldes no geral - eram descartadas. Em virtude disso, há uma grande pressão e vigilância sobre esses grupos serventes, de forma que tudo o que fazem é estritamente controlado, e qualquer ação que viole as regras, seja de vestimenta, de fala ou até mesmo de olhar, pode fazer com que essas pessoas possam ser mortas, o que ocorre corriqueiramente na história.

Essa situação se encontra de maneira clara no papel dos romances distópicos na sociedade contemporânea, que Hilário (2013, p. 202) considera como um gênero que traz elementos para que ela seja pensada criticamente a fim de que sejam como um “aviso de incêndio”, delatando características de situações que, embora já sejam realidade, possam ser impedidas por meio dessas representações (HILÁRIO, 2013, p. 202).

Assim, a distopia se junta, nesta obra ao grotesco, pois este “[...] ameaça continuamente qualquer representação [...], ou comportamento marcado pela excessiva idealização.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 36), já que a partir dele: “Pelo ridículo ou pela estranheza, pode fazer descer ao chão tudo aquilo que a ideia leva alto demais.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 36). Como ocorre na obra, o que inicialmente parecia ser um ideal utópico no governo de Gilead, na verdade, revela-se profundamente distópico e grotesco. Um regime que se baseia em valores sagrados de uma sociedade tradicionalmente cristã e enfatiza a importância da concepção, paradoxalmente, trata as mulheres de maneira desumana, submetendo-as a abusos constantes. Assim, o que se apresenta como uma utopia se transforma em uma realidade altamente distópica e grotesca, como destacado por Sodré e Paiva (2002), criando um desvelamento crítico por meio do estranho e incongruente.

Nesse sentido, como meio de facilitação de dominação, os Comandantes, que são homens com alto poder aquisitivo e que incitaram o golpe de Estado, propuseram um novo regime em que a religião é usada como prerrogativa do controle, com uma estrutura voltada em seis grandes grupos: as Aias, que são mulheres férteis que devem servir os Comandantes e suas Esposas, para por meio delas ser gerado um filho para o casal; as Esposas, geralmente mulheres inférteis já previamente casadas com os Comandantes; as Marthas, mulheres inférteis, serventes de casas; as Tias, mulheres inférteis que servem às igrejas, que funcionam em Gilead como centros de repressão e reeducação das Aias; os Guardas e Olhos que são grupos de homens que servem ao governo para vigiar e punir a população, e por fim, os próprios Comandantes em si, que governam Gilead.

Para a manutenção desses grupos, são usadas várias estratégias de opressão. Entre elas, as mais referidas na história são o Muro, espaço em que pessoas que cometeram qualquer infração ou insubmissão com as regras do governo são enforcadas e penduradas, e o grande evento do Salvamento, em que grupos de Gilead são convidados a participar e aprovar a morte de infratores do sistema de seu próprio grupo. Esse evento é retratado no final da história e mostra-se a permissão do assassinato de um Guarda “estuprador” pelas mãos das próprias Aias. Além desses fatores, a propaganda, embora não muito exemplificada, é colocada como outro elemento de garantia do regime, como orações, lemas, programas de televisão voltados somente sobre o governo e suas conquistas e a censura de material que não seja sobre este, como músicas, revistas e/ou jornais.

Ao construir esse sistema, foram utilizadas influências reais da época da autora, para que o leitor percebesse os crimes causados pelos governos do tempo, que foram aceitos pela população. A crítica da obra consiste em denunciar o tratamento que as mulheres recebiam, assim como expor a cultura extremamente machista e grotesca que rodeava o mundo com suas ditaduras e guerras persistentes. Com isso, ela se utilizou dessas tendências de controle social como a extrema vigilância, a desculturalização e a moralização das sociedades. A tomada desses povos por poderes hegemônicos para produzir uma história expõe cruelmente as grandes e pequenas violências cometidas com a população em favor do desejo de poder masculino.

Para isso, o uso da distopia e do grotesco são essenciais, pois estes são elementos teóricos anti-hegemônicos, que se tratam de: “[...] qualidades que fazem o gosto clássico rebaixar-se ante a genialidade, como [...], o incongruente” (SODRÉ & PAIVA, 2002, p. 40), já que irrompem quaisquer ideias do tipo onde quer que aconteça a produção simbólica (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 42). Dessa mesma forma, baseiam-se na estética do *disgusto*, que, na obra, se associa muito ao ideal *nietzschiano* pela escrita se basear em uma:

sensibilidade radical que ultrapassa o campo normativo e cognitivo da obra [...], para chegar a uma esfera da ação prática, na qual predominam a comunicabilidade generalizada dos afetos, conflitos, as desarmonias, os mascaramentos. (SODRÉ; PAIVA, 2002, 46)

Ou seja, a busca pela representação de problemáticas reais, expondo as desarmonias, afetos e desmascaramentos, além do lado animalesco do ser humano pelo desejo de poder como um “marcar de território”, comunica a necessidade de ação frente a estas questões.

Para expor publicamente quem são e para que servem, as Aias são obrigadas a usar vestimentas vermelhas e brancas, que simbolizam sua condição, e a viver em uma espécie de prisão domiciliar nas casas de seus “donos”. Além disso, para que cumpram seus papéis de servas reprodutoras, as Aias devem perder totalmente a liberdade de se expressar, de ir e vir, e passam por um treinamento extremamente violento pelas Tias, que as torturam constantemente para que aprendam a seguir as regras e possam ser enviadas para as casas dos Comandantes.

Nesse sentido, as Aias passam a ser consideradas um objeto de salvação da sociedade, com um dever muito restrito e, por isso, seguem diversas regras para

que não violem os contratos sociais da nação. Tais regras, além da religião, representam outra forma de manter essas mulheres em seus devidos papéis, pois: “Agora [...], homem nenhum grita obscenidades para nós, fala conosco, toca em nós. Ninguém assobia.” (ATWOOD, 1985, p 39). Tudo isso se torna uma das diversas ideias grotescas que o Estado tomou como forma de manipulação e de opressão, para que as mulheres aceitem serem violentadas e assediadas de outros jeitos, expondo uma crítica ao tratamento recebido pelas mulheres, que nunca têm a justiça feita.

Essas problemáticas “antigas” levantadas e incrustadas nas mentes do povo de Gilead pelo regime também expõem a atualidade e o compromisso da crítica da obra com a representação dessa sociedade e suas classes, para denunciar possíveis falácias da realidade, a fim de que as mulheres não aceitem se colocar em situações abusivas e muito menos normalizem grandes ou pequenas violências “a fim de um bem maior”. É por isso que esta obra tem uma importância imensurável, pois ela utiliza em sua crítica elementos e falas reais, que garantem:

[...] o enlace fundamental das problemáticas frankfurtianas – referentes, em grandes traços, aos modos de sujeição social através da alienação e da opressão – com as narrativas literárias e distópicas – cujo alvo não é outro senão a experiência subjetiva diante das problemáticas que envolvem o sujeito, a ética e o poder. (HILÁRIO, 2013, p. 204)

Em outras palavras, por meio da distopia de *O Conto da Aia* é possível ser produzida uma análise crítica da sociedade, para que a população possa se manifestar diante de traços opressivos e impedir a concretização da realidade ficcional. Além disso, o papel do grotesco crítico na obra é impossibilitar que atitudes normalizadas de violência prática ou simbólica sejam consideradas normais por meio da inquietação que as atitudes ficcionais provocam no leitor. Isso se dá pela consciência do estranhamento e do incômodo causados, pois eles geram uma reflexão formativa da problemática e, a partir disso, as pessoas percebem que qualidades “favoráveis à felicidade dos espiritualmente maus” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 49) não podem ser aceitas e devem ser condenadas e evitadas.

3.3 O Grotesco da Hipocrisia

É inegável o caráter distópico e crítico da obra *O Conto da Aia* devido à descrição extrema e cruel da sociedade teocrática de Gilead para a conscientização social dos resultados de uma possível continuação de ações autoritárias. Uma vez

que essa sociedade traz a ideia de que a melhor forma de proteção do país é uma violência “nativa” contra a antiga violência moderna/globalizada, o leitor percebe que os regimes totalitários ficcionais:

[...] problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica. (HILÁRIO, 2013, p. 206)

Ao considerar estes fatos, além da natureza distópica que a obra carrega, o que choca profundamente o leitor durante a leitura e o faz pensar sobre a injustiça da história é o grotesco. Este, que permeia cada atitude extrema tomada pelo Estado na narrativa, e que principalmente por ser narrada pelo ponto de vista de uma vítima de todo o regime, gera uma sensação ainda mais forte de “absurdo” à questão, que é um dos intuitos do grotesco: “É com similaridades entre uma e outra categoria que o grotesco costuma modernamente inquietar as consciências.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 48).

É a partir desse contraste que se torna possível observar uma hipocrisia intrínseca nos personagens que gerem o Estado de Gilead: os Comandantes. Os Comandantes, além de moldarem o regime como queriam, se garantiram de todo o poder. No epílogo do livro, em uma conferência fictícia, um professor analisa a narrativa da Aia Offred e, como parte dessa análise, há a afirmação de que seu Comandante - Frederick Waterford - foi um idealizador do regime, o que lhe assegura influência na sociedade e a necessidade de manter seu status. Mesmo assim, a partir de um momento, o homem passa a demonstrar seu caráter subversivo - a favor de demonstrar seu poder - em relação ao próprio regime.

Dessa forma, o grotesco lhe atém na forma de que “a racionalidade e a coerência das instituições são solapadas pelo caos e pela dissociação - funções complementares da pulsão de morte - características do grotesco.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 56) já que este representa o poder de um Estado opressor, idealizado em partes por si, mas se dissocia disso devido à sua própria hipocrisia e desejo de poder, Além disso, ele age de forma provocativa com a sua Aia, que é a vítima do seu plano -, o que causa um choque e o desgosto ainda mais profundo no leitor, pois as sensações representam as pulsões de morte, que geram a reflexão crítica sobre o

personagem e sua representação e caracterizam o grotesco chocante e crítico na obra.

Esse tipo de atitude se caracteriza como grotesca justamente por causa do teor "absurdo" que ela traz ao nos apresentar o personagem e, especialmente, faz com que ele seja ainda mais desumano por ser capaz de propor a quebra das regras que ele ajudou a criar, que castigam cruelmente outros que as transgridem, apenas para seu prazer e para demonstrar seu poder. Essa questão o associa ainda mais ao grotesco, pois é a partir dele que a autora tece a "[...] crítica pelo grotesco das hipocrisias e das idealizações com que o mundo oficial e a literatura estabelecida tentavam resolver [...]" (SODRÉ & PAIVA, 2002, p. 77). O seu caráter abominável é visto diversas vezes na história, principalmente na ousadia das suas sugestões como na seguinte cena:

É como um encontro. É como se esgueirar de volta para o dormitório depois do horário.
Isto é uma conspiração.
— Obrigado - diz ele. - Pelo jogo. - Então diz: - Quero que você me beije."
(ATWOOD, 1985, p. 173)

Essa proposta se dá após uma grande infração do Comandante: chamar Offred para sua sala, na qual nem sua própria esposa pode entrar. Por isso, o grotesco cabe em suas ações em forma de hipocrisia, pois ele deve ser visto como representante e se portar como tal. Isso significa não manter nenhuma intimidade com sua Aia já que essa atitude destrói toda a utopia distópica que criaram e faz com que a Aia perca o seu valor sagrado para a sociedade:

Agora é claro que é algo diferente. Agora é proibido para nós. Agora é indecente. Agora é algo que ele não pode fazer com sua Esposa. Agora é desejável. Agora ele se comprometeu. É como se tivesse me oferecido drogas. (ATWOOD, 1985, p. 172)

Essa impressão de Offred faz com que a situação grotesca em que vivem se torne ainda mais palpável, pois a realidade é absurda se comparada à vida antes de Gilead. Além disso, nesse ensejo, o Comandante revela diversas vezes reconhecer a ilegalidade de suas atitudes e daquilo que mantém em sua sala, mas também expõe que tudo que ele faz para a Aia se trata apenas de uma demonstração de poder, como na seguinte situação: "Às vezes depois dos jogos, ele se senta no chão ao lado de minha cadeira, segurando minha mão. [...] Deve diverti-lo essa falsa subserviência. (ATWOOD, 1985, p. 255), ainda dizendo, em outro contexto, sobre o regime: "Demo-

lhes mais do que tiramos [...]. Pense nas dificuldades que tinham antes." (ATWOOD, 1985, p. 266), pois ela apenas realiza e tem acesso àquilo que ele autoriza e controla.

Em relação à situação, o que a deixa pior é o fato de que esse lugar em que a Aia se colocou deu ainda mais poder ao Comandante. Visto a gravidade da circunstância em que estava, para ela, só restava ser ainda mais submissa às vontades do Comandante, pois não havia saída: se ela quebrasse a sua confiança, ela seria castigada, e se ela lhe desobedecesse, também o seria.

Essa hipocrisia se torna cada vez mais clara conforme os encontros se tornam mais comuns, até que a confirmação das ideias de Offred sobre as intenções do Comandante se tornam reais, quando ele a leva em uma saída "surpresa" à Casa de Jezebel - uma casa de prostituição mantida pelo governo (ATWOOD, 1985, p. 293). Lá, ela adquire mais uma percepção que indica o caráter grotesco de sua hipocrisia: "Ocorre-me que esteja me exibindo, para eles, [...]. Mas ele também está se mostrando para mim, sua maestria do mundo. Está violando as regras, debaixo do nariz deles [...]" (ATWOOD, 1985, p. 286). Ou seja, além do sofrimento que ela passa sob as regras criadas em parte por ele, ele ainda a usa como objeto de exibição para outros homens, destituindo-a de sua dignidade, a fim de manifestar seu poder publicamente sobre ela e os outros presentes.

Em outro momento, neste mesmo espaço, Offred o questiona sobre a legalidade do lugar. O Comandante diretamente lhe diz ser proibido, mas justifica sua existência e aceitação no meio masculino por se tratar de algo da natureza humana, expondo uma das falas mais misóginas da obra, que exprime de maneira óbvia uma crítica ao machismo e aos governos autoritários sobre a mulher, por meio da distopia e do grotesco:

— [...] não se pode trapacear com a Natureza [...] A Natureza exige variedade para homens. [...] As mulheres sabem disso instintivamente. Por que elas compravam tantas roupas diferentes, nos velhos tempos? Para enganar os homens levando-os a pensar que eram várias mulheres diferentes. [...]
— Então agora não temos roupas diferentes - digo -, vocês apenas têm mulheres diferentes. - Isso é ironia, mas ele não demonstra ter notado.
— Resolve uma porção de problemas - diz, sem sequer pestanejar. (ATWOOD, 1985, p. 287)"

Essa hipocrisia se consolida no fim da noite, quando, mesmo após ter tentado se esquivar, Offred é obrigada a se relacionar sexualmente com o Comandante (ATWOOD, 1985, p. 308), pois, embora ela seja considerada sagrada e

intocável para o regime gerido por ele, para ele, ela é um objeto também – e ele comanda e tem direito a fazer o que quiser, quando quiser.

3.4 Os aparatos grotescos do Estado

A Arte pode ser considerada como um meio de expressão de seu tempo, pois pode expor algumas das ideologias ou problemáticas enfrentadas nos momentos em que foram escritas. Dessa forma, será considerado que:

[...] a arte (nesse caso, a literatura) é construída a partir da base material das relações materiais que definem a produção e reprodução da vida em um dado momento da história, portanto, a arte é parte da esfera ideológica de uma dada sociedade. (MATA; COUTINHO, 2018, p. 97)

Essa consideração manifesta o valor político da arte, que abrange de maneira expressiva uma reprodução ficcional verossímil do que é experimentado na realidade. De forma que aquilo que é expresso na arte reflete, mesmo que de maneira extrema ou até caricata, uma relação intrínseca com a realidade. Esta carrega diversos problemas políticos, que serão denunciados ou criticados em obras de caráter distópico. Como explicita Hilário, “Elas não possuem um fundamento normativo, mas detêm um horizonte ético-político que lhes permite produzir efeitos de análise sobre a sociedade. (HILÁRIO, 2013, p. 205)

Portanto, é essencial pontuar que a distopia tem pontos fundamentais que coincidem com o grotesco, que nesse caso aponta para “[...] a dissolução das identidades socialmente estabelecidas. [...] e [...] pela subversão ontológica das coisas.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 72), considerando seu caráter denunciatório na obra. Assim, para a análise das formas de opressão e manutenção compelidas pelo Estado de Gilead em *O Conto da Aia*, os tópicos fundamentais para esse feito em relação a esta obra distópica serão o estranhamento e a ideologia, julgando que:

[...] são pontos fundamentais para a compreensão da importância dos textos distópicos. Por um lado, a distopia leva ao extremo as consequências dos fundamentos da sociedade existente; por outro, é uma denúncia daquilo que se defende ideologicamente como sendo a própria essência da sociedade existente. De certo modo, a distopia é a negação da sociedade existente pela projeção de suas contradições até o limite mais extremo. (MATA; COUTINHO, 2018, p. 97)

Essa visão pode ser posta sobre o livro por causa de seu papel denunciador em relação a práticas políticas extremas, que carregam sua ideologia na violência e

na submissão de uma minoria, defendendo essa atitude como para “um bem maior”, como pode ser percebido na fala do Comandante para Offred:

Demos-lhes mais do que tiramos, disse o Comandante. Pense nas dificuldades que tinham antes. Não se lembra dos bares de solteiros, a indignidade dos encontros às cegas no colégio? O mercado da carne. Não se lembra do terrível abismo entre as que podiam conseguir um homem com facilidade e as que não podiam? Algumas delas ficavam desesperadas, passavam fome para ficar magras, enchiam os seios de silicone mandavam cortar pedaços do nariz. Pense na infelicidade humana. (ATWOOD, 1985, p. 266)

Assim como na citação anterior, esse trecho reafirma como o discurso ideológico é presente e indispensável em uma obra distópica. A forma que esse tipo de discurso se relaciona ao grotesco acontece pelo caráter absurdo que ele tem dentro dos contextos da obra e da realidade - que lidam há muito tempo com o tema da liberdade da mulher. Isso ocorre porque, para o Comandante, as situações que acometiam à liberdade individual feminina eram abomináveis para si devido ao seu viés ideológico pautado em uma falsa moral religiosa - já que ao instaurarem o governo de Gilead, alteraram os dizeres bíblicos para que se encaixassem às suas normas -, que são questões que unem a distopia ao grotesco, devido ao estranhamento causado.

Neste sentido, para complementar o fator grotesco nos textos distópicos, e validar de maneira mais profunda os apontamentos anteriores, leva-se em conta que:

[...] na distopia, a formação do indivíduo se consubstancia como uma deformação. A vigilância incessante, a disciplina ascética, as proibições e a violência concretizam uma sociedade totalitária na qual a única felicidade possível está na fidelidade e obediência incondicional aos ditames do sistema social. (MATA; COUTINHO, 2018, p. 98)

Portanto, o conceito de grotesco novamente considerado é o de um mundo que foi tornado estranho e que causa estranhamento por causa do contexto em que é inserido (KAYSER, 1957, p. 159). No caso da obra escolhida, eles se relacionam tanto com o passado de liberdade vivido pela narradora, quanto com a realidade, que ainda enfrenta problemas muito parecidos em relação à liberdade de escolha das pessoas do sexo feminino.

Desta forma, considera-se que os meios de opressão são algumas das diversas formas de gerar medo e obrigar a população a seguir o regime autoritário, muitas vezes, com a ideia de uma falsa segurança e livramento de males piores. É assim que o Estado de Gilead é construído na obra *O Conto da Aia*, porém existe um

viés a mais que é essencial para a análise desse modelo de Estado e dos discursos que ele mantém: a religião. Todas as classes e instituições sociais da obra se baseiam na Bíblia e principalmente na história de Raquel e Lia e, por isso existem as Esposas, as Aias e as servas, as Marthas.

Com isso, é necessário lembrar que os meios de opressão nem sempre são violentamente claros, pois eles também são impostos por meio do estabelecimento de uma cultura. No caso, as Aias perdem o direito de usar seus nomes e passam a adquirir os nomes de seus “donos”, que têm como padrão “Of”, que no inglês significa “de algo/alguém”, seguido do nome do Comandante, como Offred: do Fred.

A ideia de Gilead começou a ser instaurada nos Estados Unidos em um momento de muita instabilidade ideológica e biológica, pois as pessoas já não se reproduziam como antes devido a uma infertilidade que assolou a sociedade por causa da ingestão de produtos contaminados. Ademais, estavam acontecendo muitos protestos sobre feminismo e conservadorismo. A partir daí, há uma série de acontecimentos desestabilizadores do sistema: o presidente é morto, o Congresso fuzilado e os “responsáveis” por isso são os fanáticos islâmicos (mais uma crítica ao que estava acontecendo no mundo quando a obra foi escrita), o que fez com que um exército desconhecido declarasse estado de emergência, até que suspenderam a Constituição, pois as pessoas não sabiam qual era seu inimigo (ATWOOD, 1939, p. 213).

As mulheres, então, começam a perder seus direitos, pois as leis são mudadas e implementadas por meio da ameaça. A narradora, por exemplo, antes uma mulher livre, relata o dia em que seu empregador dispensou todas as mulheres que trabalhavam consigo da seguinte forma:

— Eu sinto muito, disse ele, mas é a lei. [...].

— Por quê?, perguntou alguém.

— Vou ter que dispensar vocês, disse ele, é a lei, tenho que cumprir. Tenho que dispensar vocês todas.

[...]

Não sou eu, vocês não compreendem. Por favor saiam agora. [...]. Se não saírem agora, eles vão entrar.

— Ele pirou, disse alguém em voz alta; o que todas nós devíamos estar pensando.

Mas eu podia ver o corredor do lado de fora, e havia dois homens postamos lá, de uniforme, com metralhadoras.” (ATWOOD, 1985, p. 216 - 217)

Essas ações continuam até que as mulheres perdem também o direito de gerenciar seu dinheiro e possuir bens, choque que a personagem narra na presença de sua amiga ativista, Moira:

— Você tentou comprar alguma coisa com o seu cartão de débito na Compuconta hoje?
— Tentei disse. [...].
— Eles congelaram as contas, disse ela. [...]. Qualquer conta com um F em vez de um M. [...]. Estamos deserdadas. Confiscaram tudo.
[...]
— Mulheres não podem mais possuir bens, disse ela, É uma nova lei.
(ATWOOD, 1985, p. 219)

Muitas pessoas se revoltam e querem protestar contra essas atitudes, porém se tornou de conhecimento público que isso era inaceitável para o governo, tomando como medida de contenção atirar em qualquer um que ousasse ir contra as novas leis (ATWOOD, 1939, p. 221).

A partir dessas estratégias grotescas, porém reais, de tomada de Estado, é instituída a teocracia de Gilead. O que causa o incômodo e gera o grotesco nesse processo é como as condições se alteraram muito rapidamente na realidade da personagem, pois as coisas do mundo cotidiano, que antes eram certas, agora são estranhas e ruins (KAYSER, 1957, P. 98).

A partir desses acontecimentos, o Estado também estabeleceu outras formas, algumas silenciosas, porém claramente explícitas de violência para sua manutenção. A mais citada na história é o Muro, que se trata de um espaço onde pessoas que se rebelaram contra o regime ou que apenas a existência e a forma de viver eram contrárias ao novo contrário social, eram expostas, após serem fuziladas, penduradas para que todos pudessem ver e entender qual é o destino de todos que fogem à regra de Gilead. É possível perceber o império do grotesco deste aparato opressivo apenas pela descrição de Offred, que traz todas as características presentes nele, em uma das suas visitas ao lugar:

[...] fico parada onde estou, dando um último olhar para o Muro. Lá estão os tijolos vermelhos, os holofotes, lá estão o arame farpado, os ganchos. De alguma maneira o muro é ainda mais medonho, mais ameaçador, quando está vazio dessa forma. Quando se tem alguém pendurado nele você já sabe o pior pelo menos. Mas ele vazio é também potencialidade [...] (ATWOOD, 1985, p. 204)

Essa citação traz à tona também a questão do contraste entre o sublime e o grotesco no que tange ao regime de Gilead, pois, por ser um regime pautado na

religião cristã, é extremamente grotesco propor tamanhas violências a partir do momento em que é cobrado do resto da sociedade um comportamento sublime, recatado e comedido. Assim, logo é exposta também a superficialidade dessa ideologia, pois as próprias personagens principais - como Offred, Serena Joy e o Comandante - rompem com esses ideais e não suportam todas as pressões que o regime impõe.

Por fim, a partir do conjunto das informações e convicções estabelecidas anteriormente, depreende-se que as estratégias utilizadas pelo governo de Gilead para oprimir a população tornam ainda mais claro, por meio do uso dos elementos grotescos, o teor denunciador dessa obra distópica acerca da ética e da moral corrompidas pelo uso da religião como instrumento de controle de massa. Dessa forma, percebe-se a necessidade da luta das mulheres para terem seus direitos e liberdades garantidas, a fim de impedir que o cenário retratado na história possa, de alguma maneira, tomar forma na vida real.

4 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER

Neste capítulo, serão analisadas algumas cenas a fim de trazer à luz a reflexão proporcionada pelo grotesco, que interfere na construção dos efeitos de sentido quando relacionado à representação feminina na obra. Desta forma, será considerado que, assim como a distopia, o grotesco, nesse caso, tem o papel de sinalizar circunstâncias de extrema opressão e violência, por meio do estranhamento e do incômodo relacionados a um contexto que foi corrompido - com a sua presença firmada na comparação entre a mulher ideal, para o regime de Gilead, em relação a mulher real, sobrevivendo a este. Pretende-se, portanto, que essas situações sejam refletidas pela nossa sociedade, para que, ao menor sinal de acontecimentos parecidos, essas pessoas venham a lutar e impedir tal decadência explicitada.

Neste contexto, a história, além de explorar o grotesco que habita na hipocrisia das personagens, trabalha com o grotesco ao descrever a contradição entre o papel e os deveres da mulher - tanto antes quanto durante o regime de Gilead - e também nas maneiras que o Estado oprime a sociedade. Portanto, para essa análise, é considerado que o papel e comportamento ideal de uma mulher no regime de Gilead é o seguinte, descrito por um Comandante em um dos eventos da história:

Ordeno que estas mulheres se adornem com vestes modestas [...] com pudor e sobriedade; [...] Que a mulher aprenda em silêncio com toda sujeição. [...] não tolerarei que uma mulher ensine, nem que usurpe a autoridade do homem, apenas que se mantenha em silêncio. (ATWOOD, 1985, p. 268)

Isto é, uma mulher silenciada, submissa e sem direito à opinião própria se torna modelo que contrasta com a maneira que as mulheres tinham acesso e se comportavam antes do golpe de Estado e da instauração de Gilead, onde elas podiam usar as roupas que quisessem, trabalhar e assumir cargos superiores aos dos homens, falar livremente de seus interesses e ideais e se opor diante de ordens contrárias às suas.

Por isso, essas temáticas causam um grande impacto no leitor: pelo estranhamento causado por elas, principalmente por causa dos pensamentos da personagem explicitarem justamente a diferença entre os tipos de governo e as consequências dessa mudança, o que traduz o compromisso do grotesco em chocar para criticar, funcionando como: “um outro estado da consciência, uma outra experiência de lucidez, que penetra a realidade das coisas, exibindo a sua convulsão, tirando-lhe os véus do encobrimento.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 56), a fim de que, por

meio do choque, o leitor alcance um estado de reflexão crítica e adquira outra percepção da realidade.

A partir disso, alguns temas em relação à forma que o grotesco aparece no livro ao se tratar da representação da mulher serão propostos. Entre eles será analisada a forma com que as mulheres, com pequenas atitudes, demonstram sua insatisfação com o sistema e buscam fugir da realidade que lhes foi imposta. Além disso, também serão mencionadas algumas cenas selecionadas que abordam as relações entre as mulheres dentro do autoritarismo do país. Finalmente, será analisada a forma tão sublime com que Gilead queria que todas as suas mulheres se portassem, fazendo essa mesma visão seja grotesca.

3.1 Da angústia à fuga da realidade.

Desde o início da história é relatado por Offred uma intensa dissociação de quem ela era antes do regime e de como ela é no presente, como Aia. Nessa dissociação, em muitos momentos, ela se encontra refletindo sobre sua rotina e à falta de liberdade e, a partir disso, compreende-se que ela nutre um grande desejo pela fuga da realidade, seja de forma física (ir embora da casa do Comandante e encontrar sua família), quanto psicológica (pensando sobre como era o passado e como seria que sua família estaria no presente). Além disso, outro jeito que ela encontra para burlar o sistema e fugir da realidade se dá por algumas pequenas atitudes que a fariam ser facilmente condenada. Essas atitudes fazem com que ela sinta novamente uma faísca do poder que tinha antes de se tornar uma Aia, como ocorre na cena em que, em uma das Cerimônias - ritual que implica o ato de defraudação de seu corpo junto com o Comandante e sua Esposa para ser fertilizada. Nessa cena, Offred expõe como se sente ao ter poder sobre Serena Joy por estar se encontrando secretamente com o Comandante, como demonstra o excerto: “Além disso: eu agora tinha poder sobre ela, inferior, mas poder, embora ela não soubesse. E gostava disso. Por que fingir? Eu gostava muito disso.” (ATWOOD, 1985, p. 199).

Nesse sentido, considera-se que essas formas de fuga da realidade condicionam as situações extremas que as distopias se utilizam para construir sua crítica ao autoritarismo. Como fator principal, é considerada que a falta de liberdade que esse modelo de governo implica, causa o desejo desesperado pela fuga, mesmo

que de forma incoerente, visto que o propósito do governo da obra era submeter as mulheres ao poder dos homens, tirando toda sua liberdade:

[...] Primeiro você tem que negá-las o trabalho, tornar ilegal que tenham trabalhos. Você teria que tirar todo controle que elas têm sobre o dinheiro. E você teria que banir a prostituição nas ruas, então elas não poderiam estar nas ruas de qualquer forma. E o único lugar que sobra para elas seria dentro de casa.” (*WORTH QUOTING*, 1986)

Isso fez com que não houvesse meios de fuga ou de apoio, de forma que a base da distopia fosse construída, a fim de que a sociedade distópica, constituída por estruturas similares aos dos regimes totalitários reais, fosse criada, como uma “coordenação técnico-econômica não-terrorista que opera pela manipulação das necessidades por interesses adquiridos” (MARCUSE, 1967, p. 25). Isso se fez necessário para que, por meio dos anseios de Offred, pelo livramento de suas condições, o leitor pudesse compreender que a realidade da obra não se trata de uma visão do futuro, mas de uma realidade possível caso algumas práticas ditatoriais e misóginas continuem a ser relevadas.

Por isso, ao trazer o contexto em que se foi obrigada a viver, é compreensível o motivo de a narradora desejar fugir do ambiente da casa do Comandante e de tudo que se relaciona com Gilead. Por causa disso, constantemente Offred pensa sobre meios para sair das garras das pessoas que representam esse governo, como as Tias, o Comandante e sua Esposa e os Olhos. Em alguns momentos da história essa fuga se tornou mais próxima de acontecer devido às condições em que Offred se colocou, principalmente, quando se trata dos contatos que obteve. Inicialmente, isso ocorre com Moira, enquanto ainda estavam no ginásio sendo torturadas pela Tias; já um outro momento em que a fuga se torna mais palpável também se liga à Moira, porém, esse contato ocorre por meio do Comandante, na Casa de Jezebel.

Nesse sentido, esses desejos se tornam mais palpáveis em alguns momentos. Inicialmente, o desejo aparece no primeiro contato com Moira durante um curto período que elas ficaram no Centro Vermelho, quando elas conversaram sobre formas de se libertarem. Com isso, vale lembrar que esse tipo de interação é proibido, e elas não podem manter amizades entre si, o que incita mais uma vez a presença da distopia com a representação do controle e da vigilância exacerbados do governo sobre as personagens. Após isso, a ideia retorna novamente ao Offred

descobrir a existência do grupo rebelde por meio de Ofglen, situação em que ela busca se aliar para que possa conseguir uma forma de se libertar em algum momento.

Concomitantemente, essa situação se relaciona com a proposta de Serena de que ela engravide por terceiros, quando ela expõe, após ganhar um fósforo de Serena, em sua reflexão: “Assim eu poderia guardar o fósforo. [...] Adiado a decisão. Eu poderia incendiar a casa. Um pensamento tão maravilhoso que me dá arrepios.” (ATWOOD, 1985, p. 254).

Essas citações revelam, novamente, a crítica da obra por meio do uso conjunto da distopia e do grotesco, pois ao retratar o contraste da realidade restrita vivida pela narradora de maneira chocante e representar o desespero e angústia da personagem em escapar dela, a obra busca expor conflitos e medos reais de que a mesma situação aconteça.

3.1.2 A liberdade nos detalhes

Ainda sobre o mesmo arco literário, o da restrição extrema de Gilead sobre as mulheres, Offred encontrou meios implícitos e pequenos de demonstrar certo poder que são expostas frequentemente na história, como demonstra o seguinte trecho: “Eu com frequência me divertia assim, com pequenas piadas amargas e mesquinhas ao seu respeito; mas não por muito tempo. Não é aconselhável ficar se demorando, observando Serena pelas costas.” (ATWOOD, 1939, p. 187).

Além disso, outros meios foram encontrados para a questão de que, com o impedimento dos homens tocarem as mulheres, a partir da descrição da Aia, é possível perceber uma tensão sexual maior por causa da ausência da sexualidade explícita e o poder que tinham os pequenos detalhes, de insinuar outras ideias. Na situação que ocorre no início do livro, quando as duas Aias se juntam para fazer compras e, ao sair, a narradora relata que, enquanto ambas se afastam, os Guardiões - com cargos baixos demais para terem a permissão de se casarem ou terem mulheres - as observam: “Eles tocam com os olhos, e eu remexo um pouco os quadris [...]. É como [...] atijar um cachorro com um osso mantido fora do alcance, e sinto-me envergonhada de meu comportamento [...]” (ATWOOD, 1985, p. 35).

Entretanto, logo em seguida, há uma mudança de posição: “Então descubro que afinal não estou envergonhada. Aprecio o poder; o poder de um osso de cachorro, passivo, mas presente.” (ATWOOD, 1985, p. 35), pois este se trata de

uma das pequenas formas de ainda se reconhecer como uma mulher que tem poder para fazer suas próprias escolhas.

Nessa cena, observa-se um dilema ocorrendo com Offred. A sexualidade, tanto implícita quanto explícita, é tratada como um crime pela sociedade de Gilead, e como consequência da censura e da divisão rígida dos grupos sociais promovidos pelo governo, a narradora se encontra em meio a um embate entre expressar-se e garantir uma pequena taxa de poder e liberdade ou acuar-se diante da situação, como uma mulher obediente ao regime, de forma que se nota que, até em seus pensamentos mais íntimos, ela se sente coagida.

Isso faz com que o leitor reflita sobre os direitos mínimos que lhes foram retirados e como eles são essenciais a qualquer ser humano. Como forma de reafirmar a tristeza que é não ter posse de seu próprio corpo, a personagem revela:

Eu costumava pensar em meu corpo como um instrumento de prazer, ou um meio de transporte, ou implemento para a realização da minha vontade. Eu podia usá-lo [...], para fazer as coisas acontecerem. Havia limites, mas meu corpo era, apesar disso, flexível, único, sólido, parte de mim. (ATWOOD, 1985, p. 94)

Tal fala corrobora a ideia de que a condição que lhes foi imposta, embora sustentada grotescamente pelo medo e do horror, pela possibilidade de serem consideradas não mulheres e poderem ser violentadas livremente pelos homens, não é o suficiente para lhes tirar o desejo de retornarem a ser o que eram, de não serem consideradas objetos dos homens e do Estado, como acontece no regime de Gilead.

Assim, ela se opõe e zomba frequentemente deste tipo de controle, como quando ela está se encontrando com o Comandante secretamente e Serena não sabe: “Além disso: eu agora tinha poder sobre ela, inferior mas poder, embora ela não soubesse. E gostava disso. Por que fingir? Eu gostava muito disso.” (ATWOOD, 1985, p. 199); e como quando descobre que, “na pintura do cubículo do banheiro alguém desconhecido havia rabiscado: Tia Lydia gosta de chupeta. [...] A simples ideia de Tia Lydia fazendo uma coisa dessas era por si só animadora.” (ATWOOD, 1985, p. 270). Embora o governo busque o total controle da mulher, incluindo sua fala, seus pensamentos, seu corpo e suas escolhas, sempre haverá a discordância e a rebeldia, o que indica que é possível haver o fim deste regime. Esse fato se relaciona exatamente com a crítica feita pela obra: a necessidade da luta contra os aparatos opressores do Estados e da sociedade contra a mulher.

Uma forma de demonstrar como essa opressão ocorre e quais são seus efeitos, é o fato de, na maior parte da história, serem retratadas a desilusão e a angústia dela, como em: "Toda noite quando vou para a cama penso: vou acordar de manhã em minha casa e as coisas estarão de volta como eram." (ATWOOD, 1985, p. 243). Essa dualidade permite que o grotesco transmita a importância de seu papel nessa obra distópica, a partir do choque com o contraste e do desejo pela luta, é a forma pela qual é expresso seu objetivo: usar da representação por meio da escrita para, por meio de um cenário fictício, dar "margem a um discernimento formativo" (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 64).

Assim como nessa obra, o grotesco caracteriza a ideia de uma realidade extrema, que aflija a consciência social frente a possíveis situações da vida real em contextos de, principalmente, controle políticos e de violência contra a mulher.

3.2 Relações corrompidas

Além deste ponto, é considerado que a forma em que a sociedade de Gilead foi construída fez com que fosse também construída uma rixa entre as mulheres. Por causa de suas diferentes funções e os valores que cada uma dessas funções tem, as mulheres constantemente demonstram descontentamento com as presenças umas das outras, principalmente, quando de grupos sociais diferente. Isso traz à tona que um dos fatores de manutenção do regime é manter esse ódio que as mulheres nutrem uma pela outra, insistindo na falta de conexão.

Essa questão faz com que uma reflexão surja: os governantes sabiam que as mulheres não deviam se unir para que aquele governo não fosse derrubado, e suas estratégias foram fazer com que elas tivessem tipos de poder diferentes, uma sobre a outra, para criar desigualdades que causavam intrigas e desunião. No entanto, um dos ideais compartilhados pelas Tias é de que:

Para as gerações que vierem depois, dizia Tia Lydia, será tão melhor. As mulheres viverão juntas em harmonia, todas numa única família; [...]. Poderão existir verdadeiros laços de afeto [...]. Mulheres unidas para um fim comum! Ajudar umas às outras em suas tarefas cotidianas enquanto percorrem o caminho da vida juntas, cada uma desempenhando uma tarefa determinada. (ATWOOD, 1939, p. 200)

Ou seja, as mulheres deveriam aceitar seus papéis com seus devidos deveres e cargos para que a sociedade se tornasse uma verdadeira utopia. Entretanto, como dito anteriormente, o que o Estado na realidade propõe em seus

meios de manutenção da sociedade gileadiana é a cultura do desacordo e de hierarquia entre as mulheres, embora de forma caótica, visto que, por exemplo, as Aias possam ter acesso a coisas que somente as Esposas deveriam ter: seus maridos. Portanto, essa rivalidade é exposta constantemente na obra principalmente quando se trata da relação entre Serena Joy e Offred.

Esta relação se inicia logo que o casal “adquire” Offred, quando Serena logo trata de deixar explícito que seu desejo era que ela não estivesse ali e que sua presença se trata apenas de uma negociação comercial, dizendo, em outras palavras, que a Aia se trata de um objeto e que deve corresponder às expectativas de seus possuidores, sem infringir nenhuma regra. Isso causa em Offred um desgosto pela outra, fazendo com que ambas desejem sempre demonstrar superioridade uma sobre a outra, como quando Serena Joy oferece à Aia que ela engravide de outra pessoa, com a possibilidade de que ela possa ver uma foto de sua filha, que Serena mostra saber onde está, fato que deixa Offred inconformada e cheia de ódio contra ela, por ela ter acesso a algo que deveria ser dela.

Ademais, Offred relata como é tratada essa divisão de classes nos eventos oficiais do governo, como Rezavagâncias (casamentos) e Salvamentos (enforcamento público de criminosos, de acordo com o regime), em que as Aias sempre ficam em espaços separados das outras classes de mulheres, onde podem ser observadas e conta: “Nossa área é demarcada e isolada por uma corda [...]. Essa corda nos segrega, nos marca como excluídas, impede as outras de serem contaminadas por nós faz para nós um curral ou chiqueiro.” (ATWOOD, 1985, p. 260).

Demonstrando como o regime e a população as vê, embora seu papel seja considerado crucial, as Aias são uma das minorias que mais sofrem com as novas normas sociais. Assim, é notória a quantidade de regalias que as Esposas têm em relação às outras classes femininas, como Offred relata:

Elas ficam doentes com frequência, essas Esposas de Comandante. Isso acrescenta interesse em suas vidas. Quanto a nós, as Aias e mesmo as Marthas, evitamos doenças. As Marthas não querem ser obrigadas a se aposentarem, porque quem sabe para onde vão? Você não vê mais tantas mulheres mais velhas circulando. E quanto a nós, qualquer doença real, qualquer indolência, fraqueza, uma perda de peso ou apetite, uma queda de cabelo, uma deficiência das glândulas, seria terminal. (ATWOOD, 1939, p. 189)

Dessa forma, observa-se que as responsabilidades e as consequências que abrangeriam outros grupos não se aplicam a elas. Isso colabora ainda mais para

que, pela desigualdade de direitos e oportunidades, as mulheres estabeleçam preconceitos e intrigas entre si. Essa ideia é, mais uma vez, confirmada ao fim do livro, quando Serena descobre a traição do marido com Offred e diz: “É igualzinha à outra. Uma vadia. Vai acabar exatamente como ela.” (ATWOOD, 1985, p. 347), fala que restabelece o modo como as Aias são vistas pela sociedade, já que não se trata apenas do comportamento de uma, mas uma referência a anterior e a todas as outras ao mesmo tempo.

Em suma, essa questão acerca das relações femininas na obra, sobre como elas poderiam adquirir força caso se unissem e que, por isso, é necessário separá-las, lembra as lutas feministas reais para o fim da rivalidade feminina e a teoria que vai de encontro ao proposto. Além disso, esse fato traz, pelo grotesco estabelecido entre os preconceitos dessas inter-relações o “inquietante familiar” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 52), que contribui para a associação destes problemas a uma angústia que incita a criticidade da representação lida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imperativo ressaltar que a análise dos elementos grotescos e distópicos presentes na obra estudada revelou-se essencial para a compreensão da crítica meticulosamente criada pela autora, visto que, por meio deles, é possível que haja “[...] o desvelamento público e reeducativo do que nele se tenta ocultar.” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 65) na realidade. Ao explorar os regimes autoritários e suas táticas de golpe e de submissão em massa bem como a forma como esses sistemas impactam os direitos e liberdades fundamentais das mulheres, este estudo proporcionou uma visão perturbadora.

A crítica construída com base nos elementos mencionados anteriormente não só suscita um estranhamento no leitor, mas também o capacita a refletir sobre questões cruciais que ecoam na realidade. A capacidade dessa obra de gerar um sentimento de injustiça e o desejo de mudança é evidente, e este trabalho se empenhou em fornecer teorias que justifiquem as reações dos leitores perante a narrativa. O objetivo é habilitar os leitores a lutar de maneira mais coesa e fundamentada contra as armas do Estado retratadas na obra, em prol de uma sociedade mais justa.

Além disso, é importante destacar que a tarefa de produzir este trabalho foi marcada por constantes sensações incômodas decorrentes da leitura da obra. No entanto, essas sensações desafiadoras eram necessárias, dada a relevância sociocultural da obra em provocar um sentimento de indignação e um anseio por mudança. O intuito era fazer com que os leitores deste trabalho não apenas se identificassem com esses sentimentos, mas também adquirissem fundamentos teóricos para embasar a busca por transformações na realidade.

Não podemos ignorar as realidades preocupantes que refletem as questões levantadas pela autora. O Irã, por exemplo, restringe drasticamente os direitos das mulheres, proibindo-as de estudar e aparecer na televisão. A Romênia, recentemente, enfrentou uma situação alarmante com a queda das taxas de natalidade, que resultou em mulheres sendo obrigadas a justificar ao Estado se não estivessem mais grávidas após serem reconhecidas como tal. No Brasil, as altas taxas de feminicídio indicam uma cultura profundamente enraizada de dominação masculina, tratando as mulheres como objetos. Tais realidades exemplificam a urgência de abordar e combater essas questões.

Em síntese, este trabalho evidencia a importância de compreender as críticas sociais e políticas intrínsecas à obra analisada, pois, como explicita a autora: "Tudo que é silenciado clamará para ser ouvido ainda que silenciosamente" (ATWOOD, 1989, p. 188).

À medida que os leitores se aprofundam nesse universo grotesco e distópico, eles são desafiados a refletir sobre as lutas das mulheres contra regimes autoritários e à opressão de gênero. O desconforto gerado pela obra e pela pesquisa é um reflexo das injustiças e desigualdades presentes em várias sociedades, e somente através do entendimento e da ação coletiva pode-se esperar um futuro mais igualitário e justo.

REFERÊNCIAS

ARBO, J. B.; MARQUES, E. M. de. **Confinadas em si mesmas**: a morte social e o isolamento do sujeito em *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood. Florianópolis: Anuário de Literatura, 2019.

ATWOOD, M. **O Conto da Aia**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

AUTHOR Margaret Atwood on writing The Handmaid's Tale. 1 vídeo (6min). Publicado pelo canal Tory Burch Foundation. New York City, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T1KS5yhZqKc>. Acesso em: 5 de out. 2023.

BERRIEL, C. E. O. Utopia, distopia e história. **Revista Morus**, [s.l.], v. 2, p. 4-10, 2005. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~berriel/berriel.htm>. Acesso em: 25 de abr. 2023.

FIGUEIREDO, C. D. de. Da utopia à distopia: política e liberdade. **Revista Eutomia**, Pernambuco, v. 2, n.1, p. 324-362, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/download/1821/1395>. Acesso em: 20 de abr. 2023.

HILÁRIO, L. C. **Teoria da crítica e literatura**: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Rio de Janeiro: Anuário de Literatura, 2013.

HUGO, V. **Do Grotesco e do Sublime**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

KAYSER, W. **O grotesco**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

MATA, V. A. da; COUTINHO, L. Distopia, estranhamento e a deformação do indivíduo: reflexões a partir de Lukács. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 93–121, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/491>. Acesso em: 11 set. 2023.

ROSSI, E. A. Ensaio sobre o grotesco. **Hacer**, [s.l.], 2010. Disponível em: <https://www.hacer.com.br/grotesco>. Acesso em: 10 de out. 2023.

SANTANA, A. S. M.; PAULA, M. F. de. **Nolite te bastardes carborundorum**: A narrativa testemunhal em *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood. Goiás: Signótica, 2022.

SODRÉ, M; PAIVA, R. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

VELOSO JÚNIOR, C. M. **Da utopia à distopia**: a influência de aspectos culturais e históricos. Florianópolis: Miscelânea, 2020.

VOLOBUEF, K. **Victor Hugo e o grotesco em Notre-Dame de Paris**. São Paulo: Lettres Françaises, 2003.

WORTH quoting: Margaret Atwood. 1 vídeo (29min). Publicado pelo canal: FSCJ LLC. *Jacksonville*, 1986. Disponível em: <https://youtu.be/tokzQ17wVvs?si=v8WqN3-dPFFKPA4->. Acesso em: 5 de out. 2023.